

Notas sobre as histórias da democratização do ensino da Arte

Ana Mae Barbosa

(Universidade de São Paulo — USP, São Paulo/SP, Brasil
Universidade Anhembi-Morumbi — UAM, São Paulo/SP, Brasil)

RESUMO — Notas sobre as histórias da democratização do ensino da Arte — Trata-se de uma experiência de ensino de Arte em acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Nordeste do Brasil com a colaboração da Escolinha de Arte Newton Navarro nos anos 90. Por outro lado, também se dará notícia do Curso de Formação de Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que preparava os professores de ensino Fundamental para o MST em diálogo com os líderes do Movimento para determinação do currículo. Foi um curso de contornos teóricos Pós-Modernos e chegava a conferir créditos a ida ao Teatro ou a uma exposição de Artes Visuais.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino da Arte. Democratização da Arte. MST.

RESUMEN — Notas sobre las historias de la democratización de la Educación Artística — Es una experiencia de Educación Artística en un campamento del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST) en el Nordeste del Brasil con la colaboración de la Escolinha de Arte Newton Navarro en los años 90. Por otro lado, también habrá noticias del Curso de Formación Docente en la Universidade Federal do Río Grande do Norte que preparó a los maestros de escuela primaria para el MST en diálogo con los líderes del Movimiento para la determinación del currículo. Era un curso de contornos teóricos Posmodernos y llegó a dar créditos por ir al Teatro o una exposición de Artes Visuales.

PALABRAS CLAVE

Educación Artística. Democratización del arte. MST.

ABSTRACT — Notes on the history of the democratization of Art Education — This is an experience of Art Education in a camp of the Movement of Landless Rural Workers (MST) in Northeast Brazil with the collaboration of the Escolinha de Arte Newton Navarro in the years 90. On the other hand, there will also be news of the Teacher Training Course at the Federal University of Rio Grande do Norte, which prepared elementary school teachers for the MST in dialogue with the leaders of the Movement for curriculum determination. It was a Post-Modern theoretical course and came to give credits for going to the Theater or to an exhibition of Visual Arts.

KEYWORDS

Art teaching. Democratization of Art. MST.

Reclamamos muito que no Brasil as Artes são dominadas pelas elites, mas as Artes não são naturalmente das elites. As elites as dominam porque nós permitimos. Primeiro, repetimos a desqualificação que a linguagem popular faz das artes com expressões cotidianas, todas negativas. Se o aluno foi mal na prova ele nos diz: **Dancei** na prova de matemática. Se as mulheres são assediadas dizem: Aquele cara me **cantou**. Se alguém está nervoso o outro reclama: Deixa de **drama**. Mas o pior

mesmo é a frase: **Entendeu ou quer que eu desenhe?** Estão dizendo que quem entende pelo desenho é burro?

As instituições de Arte Erudita alijaram por tanto tempo o povo do convívio com as Artes que a população atribui suas ações a comportamentos negativos.

Relegado, o povo cria sua própria Arte.

Neste ensaio falarei de um projeto de Arte/Educação para o povo junto ao MST. Trata-se de um caso no qual a Universidade propiciou à Arte reconstruir suas relações com o povo.

O MST (MOVIMENTO DOS/AS TRABALHADORES/AS RURAIS SEM TERRA) não é algo novo na História do Brasil, nem da América Latina.

As lutas por uma reforma agrária ou distribuição equânime de terras começaram ainda nos tempos da colonização europeia na América Latina. Entretanto, até o século XX o México foi o único país a ter uma reforma agrária nessa parte do mundo, embora tenha sido corrompida, resultando nas lutas atuais na área de Chiapas.

No Brasil somente no início da década de 60 os trabalhadores rurais tiveram uma legislação que lhes garantisse salário mínimo, férias e aposentadoria, graças a um movimento denominado Ligas Camponesas. A ditadura militar instalada em 1964 no Brasil não eliminou esses direitos, mas perseguiu os camponeses, matou seus líderes e extinguiu todo e qualquer movimento organizado.

Com o fim da Ditadura (década de 80) surgiu o MST.

Seus participantes são os nômades dos tempos modernos. Os muitos grupos do MST no Brasil vivem de terra em terra, clamando pelo direito de cultivá-las e de, em assim sendo, eles próprios criarem raízes. O respeito pela educação e a busca pelos meios adequados de educar seus filhos para uma sociedade melhor e mais inclusiva foi uma característica desde o início do MST.

Nas escolas do MST, que em geral são organizadas nas melhores edificações dos assentamentos ou nas melhores tendas nos acampamentos, a foto de Paulo Freire é pendurada com respeito. Apesar do esquecimento ao qual Paulo Freire vem sendo gradativamente condenado no Brasil os que têm consciência política valorizam suas ideias e sua obra em todo o mundo.

Nos Estados Unidos se atribui a Paulo Freire a raiz da Pedagogia Questionadora e da Pedagogia Cultural que a vanguarda da educação americana vem desenvolvendo. Foram os educadores questionadores e os adeptos da Pedagogia Cultural que fizeram nos Estados Unidos um dos mais significativos protestos contra a Guerra do Iraque. Convocaram a população para ir aos museus que têm Arte da Mesopotâmia, Arte Sumeriana, Arte da Babilônia e da Caldeia, enfim exemplares de Arte Antiga da região hoje denominada Iraque, armada de papel, prancheta e lápis para fazer desenhos de observação nas galerias, construindo um site com os resultados.

A desvalorização de Paulo Freire em sua própria terra começou quando ele ainda vivia, através da instituição educacional mais importante do Brasil, o Ministério de Educação. Para planejar os Parâmetros Curriculares Nacionais contrataram um educador espanhol, que havia fracassado ao desenhar o próprio currículo nacional da Espanha, deixando de lado a extraordinária experiência de reorientação curricular feita por Paulo Freire quando foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo (Paulo Freire/Mário Cortela, 1989-1992).

É graças ao trabalho de Paulo Freire, apesar do dismantelo da educação feito por prefeitos posteriores, que os professores da rede pública municipal de São Paulo eram considerados até 2010 os mais questionadores do país.

Penso que os namoros do MST com a Arte têm não só a influência de Sebastião Salgado, mas também de Paulo Freire. O grupo de Artes era o maior dentre a equipe de Reorientação Curricular de Paulo Freire e seu projeto educacional foi o que no Brasil efetivamente mais espaço deu à Arte. Só dois outros projetos de reforma

educacional —o de Rui Barbosa (1982-83) e o de Fernando de Azevedo (1927-1930) — deram à Arte, quando se chamava Desenho, a mesma importância que as outras disciplinas do currículo.

Ainda em 1995, líderes do assentamento do MST de João Câmara no Rio Grande do Norte procuraram a Escolinha de Arte Newton Navarro em Natal pedindo professores para implementarem com eles um programa de Arte na sua escola. A Escolinha de Arte Newton Navarro era na época uma das poucas remanescentes do Movimento Escolinhas de Arte, de Augusto Rodrigues, que chegou a ter 140 unidades no Brasil e uma no Paraguai, criada pelo artista Lívio Abramo, duas na Argentina e mais uma em Lisboa.

Wandecí de Oliveira Holanda, ex-aluna minha, comandou a equipe de professores que, dialogando com os líderes do assentamento, levantou as necessidades do grupo de adolescentes e crianças com o qual iam trabalhar. Perguntei a ela o que os pais esperavam do ensino da Arte. Ela me contou que uma das mães lhe dissera: - “Eu sei que Arte é coisa de rico, mas eu quero para meu filho”.

A cidade de João Câmara tinha um dos menores índices de desenvolvimento humano do Brasil. Apesar disso o trabalho foi muito bem-sucedido. Fizeram Teatro com Lenilton Teixeira e Edson Moura, dois dos melhores professores de Teatro do Brasil. Todos costuravam, meninos, meninas, mães e professores para fazer os figurinos das peças aproveitando roupas velhas. O professor de música trabalhou com um sanfoneiro do assentamento e usaram o sistema de alto-falantes destinado à informação sobre problemas comuns, desta vez para divertir a todos. Os professores de Artes Visuais os ensinaram a reciclar papel através de um projeto interligando Arte e Ecologia.

Enfim, formaram um grupo de adolescentes multiplicadores das experiências e conseguiram levar projetos semelhantes para outros assentamentos, como Ceará Mirim, Pau d’Óleo, Taipú, etc. Da equipe de professores muitos foram alunos de Vera Rocha, que desenvolveu o teatro popular em Natal a partir da Universidade.

A enorme experiência de Vera Rocha com Teatro em comunidades pobres a preparou muito bem para coordenar as disciplinas das Artes em outro bem articulado projeto de Educação do MST, dessa vez com a própria Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002). Trata-se do Curso “Pedagogia da Terra”, que teve lugar no Campus Avançado de Santa Cruz, a três horas de Natal, sob a Coordenação Geral da competente Prof. Dra. Marta Pernambuco, que infelizmente morreu muito cedo¹, mas foi fundamental para a abertura das Universidades para a educação popular no Nordeste.

Por ocasião de sua morte, a página do MST na internet publicou a seguinte notícia:

Com pesar, MST se despede de Marta Pernambuco

É com pesar e imensa tristeza que nós, do Movimento dos/as Trabalhadores/as Rurais Sem Terra, recebemos a notícia do falecimento da educadora, militante e amiga Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco, ocorrida na manhã de hoje (14), em São Paulo.

Marta construiu uma valorosa história na luta por uma educação libertadora, do qual, integrou de 1989 a 1992, a equipe de assessores do Movimento de Reorientação Curricular concebido durante a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, bem como, várias assessorias a administrações populares, municipais e estaduais, atuando, principalmente nos temas da formação de educadoras/es, educação do campo, e ensino em ciências naturais e educação ambiental.

Há 34 anos, Marta Pernambuco dedicou-se ao departamento de Educação e na Pós Graduação de Educação, e entre 2002 e 2006, junto ao MST, foi a grande impulsionadora da I Turma de Pedagogia da Terra Nordeste - Turma Bernardo Marin, através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), compondo a Coordenação Política e Pedagógica, e dando o ponta pé inicial para abertura de várias outras parcerias e construções de cursos como o magistério, enfermagem e controle ambiental, no Rio Grande do Norte.

Nós, do MST/RN, somos eternamente gratos por sua contribuição, determinação, esforços e efetiva participação, seja com sua contribuição teórica em se debruçar acerca da Educação do Campo, as tarefas práticas de limpeza do galpão do assentamento, onde inicialmente, ocorria às aulas, dando grandes exemplos do significado da práxis política, e na prática dos princípios socialistas, de solidariedade, crítica incisiva e fraternal, sempre

¹ Texto disponível em: <<http://www.mst.org.br/2018/05/15/com-pesar-mst-se-despede-de-marta-pernambuco.html>> insiro aqui texto de 15 de maio de 2018 da página do MST lamentando a morte de Marta Pernambuco.

com a grandeza de saber ouvir e repensar suas opiniões e posicionamentos políticos, considerando e acreditando no potencial transformador do nosso Movimento.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte perde uma grande mulher intelectual, o MST perde mais que isso, uma companheira inspiradora da luta e da vida. Ela assim como as/os Sem Terra plantava sementes que ficam como legado.

Lembraremos sempre da professora Marta, como uma mulher determinada, enérgica, que tivemos o prazer de conviver e compartilhar as tardes nos assentamentos, os cafés do Centro de Formação Patativa do Assaré, e o trabalho e luta incansável, pela Educação do Campo, e uma Educação Libertadora para nosso povo, nossa classe. Reafirmamos nosso compromisso, de cultivar sua práxis e exemplo na luta por Reforma Agrária Popular, tendo como horizonte o socialismo, um mundo melhor para os que lutam e sonham.

MST e Universidade Federal do Rio Grande do Norte sentaram juntos para delinear o programa para “habilitar professores de áreas de assentamento por meio de curso superior para docência em Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental regular e para jovens e adultos”.²

O currículo inter-relacionava atividades presenciais intensivas e ensino a distância, mas o que impressiona muito é o largo espaço dado às Artes.

Havia enorme preocupação em ampliar a cultura dos alunos/professores, sem menosprezar a cultura que traziam. Valia créditos no currículo, por exemplo, 20 horas de atividades culturais, que significavam ir a espetáculos teatrais e de dança, ver exposições, assistir a vídeos, ir a museus, etc, tudo programado em conjunto com professores, levando a discussões em grupo posteriormente.

Outras 20 horas eram dedicadas ao fazer artístico através de três oficinas, entre as quais se dividiam os 60 alunos. Foi um programa de contornos pós-modernos por integrar o fazer artístico e a recepção da obra de arte, a produção e a crítica no ensino das Artes.

² Entrevista com Marta Pernambuco e Vera Rocha em 2003.

Os alunos eram indicados pelos líderes dos 1620 assentamentos dos estados do Nordeste naquele momento, mas tinham de enfrentar o vestibular, exame de ingresso. Portanto, os alunos/professores tinham de passar por duas peneiras: a do MST e a da Universidade.

Além das disciplinas propriamente pedagógicas o curso não perdia de vista as peculiaridades do campo, a questão agrária, o cooperativismo, as características do semiárido, a ecologia, o multiculturalismo.

Em nome desse Multiculturalismo, nas atividades artísticas oferecidas para apreciação, se procurava inter-relacionar o erudito e o popular na articulação interna desses códigos: ver o que há de erudito no popular e vice-versa. Para isso o Nordeste tem grandes mestres, entre eles Câmara Cascudo e Ariano Suassuna e mais recentemente Atembergue Quindins.

A dialogicidade de Paulo Freire articulava disciplinas, ações, teoria e prática, além de se instituir como a metodologia dominante do curso.

Foi lá no Rio Grande do Norte que Paulo Freire no início dos anos 60 sistematizou sua Pedagogia Emancipadora e lá testemunhamos essa resposta alvissareira.

Houve nos fins dos anos 90 e início de 2000 mais cinco cursos universitários em outras universidades em parceria com movimentos sociais, mas nenhum deu tanto espaço para as Artes como o da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É verdade que a competência e paixão pelas Artes de Vera Rocha influenciou muito na importância dada as Artes nesse curso, mas Marta Pernambuco era Física com Doutorado na USP e o Instituto de Física da USP foi o celeiro de físicos com interface ou interesse pelas Artes e pela Educação. Podemos citar Amélia Hamburger, Ernst Hamburger (orientador de Marta), Mario Schenberg, Luis Carlos de Menezes, Roberto Lobo e José Goldemberg. A USP teve o privilégio de ter tido os dois últimos como Reitores.

Também na Universidade de Brasília, de onde fui demitida pela ditadura, as Artes tinham interlocutores atentos entre os físicos: Elisa Frota-Pessoa, Jayme Tiomno e Roberto Salmeron. Não podemos esquecer que na Antiguidade, Física era chamada Filosofia.

No fim dos anos 90 as universidades públicas começavam a ser mais flexíveis, buscando gerar diferentes modelos de ensino além dos modelos europeus e norte-americanos que nos dominam. Estavam criando cursos para atender a reais demandas sociais, escapando, portanto, da ditadura das habilidades e competências meramente capitalistas.

A Universidade de São Paulo deu um grande passo no sentido de responder às necessidades sociais com a criação do Campus Leste, região mais pobre da cidade de São Paulo. Contudo, seu estatuto foi um entrave, porque não permite duplicação de cursos. Como a USP já tem curso de medicina, dificilmente vai ser possível criar outro na Zona Leste, onde cursos ligados à área de saúde se mostram até hoje como os mais necessários. Também foram pedidos pela comunidade, naquela época, cursos de Artes. O conceito de arte expandida permitiu serem criados na USP Leste cursos de Moda com a tônica na diversidade, já que os da ECA valorizam apenas o código europeu e norte-americano branco.

Não estou falando de cursos de Artes para pobres, mas cursos multiculturais de Arte, como eram multiculturais as disciplinas de Artes do curso Pedagogia da Terra da UFRGN.

Com frequência recomendo a meus alunos de Doutorado da USP irem a USP Leste em busca de cursos que considerem a Arte como campo expandido para outras mídias, como a indústria Têxtil e o Design de superfície.

Arte como permanente reconstrução é o caminho para sua democratização.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. 1. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1989.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus da Europa e seu público*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- FRANCO, Alécia Pádua. Escola e cultura. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 11, n. 2122, p. 305-310, jan. 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- PERNAMBUCO, Marta Maria; PAIVA, Irene A. *Práticas coletivas na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2018
- PERNAMBUCO, Marta Maria; SILVA, Ildisnei M. Sobre teatro e realidade(s): referenciais freireanos para um ensino dialógico de teatro. *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG*, v. 7, p. 150-164, 2017.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Pedagogia do oprimido versus pedagogia dos conteúdos. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, v. 23, p. 207-214, 2005.
- SILVA, René Marc da Costa (Org.). *Cultura popular e educação*. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- SOARES, Glória Regina Graçano. Currículo e cultura: algumas interlocuções teóricas. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, p.139-159, dez. 2011.

Ana Mae Barbosa

Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (1960), mestrado em Art Education pela Southern Connecticut State College (1974) e doutorado em Humanistic Education pela Boston University (1978). Atualmente é Professora Titular aposentada da Universidade de São Paulo e professora da Universidade Anhembi Morumbi. Foi presidente da International Society for Education through Art (InSEA), da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP. Tem livros e artigos publicados em diversos países. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arte/Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino da Arte e contextos metodológicos, História do Ensino da Arte e do Desenho, Ensino do Design, Administração de Arte, Multiculturalidade, Estudos de Museus de Arte e Estudos Visuais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4966-2043>

E-mail: anamaebarbosa@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1650414096296319>

*Recebido em 24 de julho de 2019
Aceito em 17 de outubro de 2019*